

## **Devir e conflitos: vigiar sentidos**

### **Becoming and conflicts: to monitor the senses**

*Adair C. Peruzzolo<sup>1</sup>*

#### **Resumo**

Neste texto, busca-se refletir a prática social de indivíduos, grupos e instituições vigiarem os sentidos, que circulam nas formas midiáticas de comunicação, enquanto dizem respeito aos seus devires e enquanto produzem fatos sociais. O vir-a-ser humano, individual, grupal e institucional, impõe a aplicação tanto aos cuidados da própria afirmação quanto aos movimentos do lugar do outro nas relações sociais. Os diferentes textos que circulam nas práticas midiáticas são uma geografia de encontros humanos possíveis, que tecem sentidos do vir-a-ser de seus comunicantes. Para tanto, são estabelecidos dois pontos de inflexão: a necessária busca pelo sentido do existir e fazer-se de cada um – individual, grupal e institucionalmente; e a vital vigilância dos sentidos, que circundam esse devir. Pois, falas são referentes de lealdades e animosidades, isto é, indicadores de lugares sociais e de relações pessoais, que circunstanciam as realizações humanas.

#### **Palavras-chave:**

Devir; Conflitos; Sentidos; Práticas midiáticas

#### **Keywords:**

Becoming, Senses, Conflicts, Media Practices

Vejo linhas de aprofundamento na temática do Pentálogo V para este VI, onde a reflexão sobre público e privado, agora, desemboca na questão da transparência versus desvelamento de práticas pessoais e grupais de ganhos singulares, e a exclusão do outro do acesso ao poder e controle das formas de sobrevivência e benesses individuais e sociais. As complexas manifestações sociotecnocomunicacionais, se, de um lado, têm proporcionado gestos de solidariedade e amor humano, por outro, têm mostrado organizações e usos de degradação do humano.

Procurando olhar não o aspecto jurídico nem o administrativo nem o conceitual<sup>2</sup>, quer-se, ao dimensionar a proliferação dos sentidos dos textos midiáticos – agora e aqui,

---

<sup>1</sup> Informações sobre o autor.

textos impressos – na esfera do devir dos indivíduos e grupos socioculturais, quando estes se defrontam com as enunciações midiáticas e que tocam os seus intuitos de (sobre)viver, desenvolver-se e realizar-se como ser de práticas e desejos. Opta-se, então, sem entrar nas polêmicas das convicções políticas, por analisar a modalidade de construção de valores de relações sociais de convivência para consumo de grupos e indivíduos na construção da organização sociopolítica dos brasileiros.

A proposta temática do Pentálogo VI, quando estabelece as dimensões semióticas como linhas de reflexão e pesquisa, abre a oportunidade para esta tentativa, ao lembrar a vigilância na literatura, no cinema, televisão, imprensa escrita, etc. Não interessa, na presente reflexão, identificar grupos ou indivíduos escalados para vigiar redes sociais e dispositivos midiáticos, com o intuito de detectar valores não admitidos e/ou teorias conspiratórias. Está-se propondo pensar a prática de enunciação social, que ocorre nas formas midiáticas de comunicação no jornalismo impresso, onde o dispositivo jornalístico constrói estrategicamente o dizer com intuitos de instituir um fato noticioso. Portanto, é da intencionalidade jornalística impressa que aqui se trata. Em paralelo, há a atenção dada por indivíduos, grupos e instituições de vigiar costumeiramente os sentidos, que circulam em textos da mídia e que dizem respeito ao devir de cada um (para a qual não há espaço nesta análise).

O conjunto de textos do cópuz ficou reduzido porque a tentativa jornalística de construir um fato noticioso não prosperou, vindo a esgotar-se em dois dias. Esperávamos que a proposta jornalística levasse a algo mais ampliado, onde poderíamos acompanhar a evolução enunciativa da polêmica. Não foi isso que aconteceu; mesmo assim, foi uma observação investigativa interessante. Por nosso lado, também tínhamos o intuito de não nos orientar para o dizer verdadeiro do enunciado, mas para o reconhecimento da natureza feita no âmbito político, para ampliação dos efeitos de sentido.

Para tanto, estabelecem-se três pontos de reflexão: analisar o texto sociocultural, que é uma notícia; segundo, indicar o modo de enunciação de algumas práticas sociais dessa vigilância; e, terceiro, a busca do sentido que tange as pessoas, que se ocupam da

---

<sup>2</sup> Quero, assim, nos intuitos deste texto, afastar-me das discussões políticas e ideológicas, para tecer razões que afirmem a necessidade cultural e ética da solidariedade na vida social do país, nas linhas do que propõe a OAB, (ZH de 18 de agosto de 2015).

vigilância. De modo que tomamos um fato distante e que surgiu exatamente nos dias em que a organização do VI Pentálogo anunciava a sua temática básica: ‘*Vigiar a Vigilância: uma questão de saberes?*’ e veio a ter pouca repercussão na imprensa escrita; pois, pretendia-se uma reflexão em análise do discurso, onde se estuda a constituição dos sentidos nos discursos socioculturais, no caso, jornalismo impresso; visto que o jornalismo, por seu caráter investigativo, atribui-se costumeiramente a atividade de vigilância dos eventos socioculturais que passa, então, por sua lógica de construção.

### **1. Vozes Relatadas**

A notícia é um texto sociocultural repleto de enunciadores com os mais diferentes intuitos de fazer seu vir-a-ser. É sobre os textos socioculturais que se desdobra o embate dos sentidos que configuram as práticas sociais e individuais, pelas que se estrutura a organização de uma sociedade. A rigor, ‘notícia’, para o ser humano, é o saber que a circulação do evento constrói como efeitos de sentido entre as interlocuções dos sujeitos, pois, a notícia não é apenas história e informação; é, sobretudo, uma visão valorativa da vida humana em sua organização sociocultural.

Em outras palavras, notícia é o devir aparalelo que os sujeitos humanos agenciam como experiência colhida nos eventos enquanto valores, que fazem sua condição de existência e desenvolvimento. Os valores como tais, no seio de uma notícia, se encontram numa instância intencional, em situação amorfa como orientação para o existir. É preciso que sejam constituídos na esfera de ação singular da vida de cada existente. Veja-se, por exemplo, que o trabalho do repórter procura explicações e reconhecimentos, testemunhas e olhares periciais acerca do sucedido: pergunta, pede repercussões, solicita causas e efeitos, etc., examinando posicionamentos e interpretações dos que se situam frente ao texto original. Assim que a versão produzida toma os rumos que possam propor algo dos atributos do evento, como valor sociocultural.

. Uma notícia é uma construção, uma fabricação de muitos interessados, resultando em operações e de investimentos de sentido em matérias significantes. Os intuitos não precisam ser os mesmos. Uns – enunciadores - buscam persuadir de certos valores, que propõem; outros – sujeitos falados e participantes - querem identificar-se e

colher benefícios na rede de valores e emoções que são propostos no enunciado; por fim, os enunciatários em seus papéis de decodificadores e fruidores. É por estas operações interativas que o texto se constitui em discurso.

‘Discurso’ não é a explanação de uma história ocorrida nem é a coleta de dizeres desencontrados e afrontados. Discurso é o encontro de intersubjetividades, no afã da construção da experiência de estarem vivos, isto é, construção de valores de ação, que justificam seus modos de existência nos agrupamentos sociais. Enquanto uns enunciam, outros coenunciam no uso e fruição da proposição de valores. Os enunciadores aposta em certos recursos temáticos e valorativos, pelo uso de palavras retóricas, expressões cheias de uso e ambiguidade, metáforas, provérbios e outras formas, esperando ser bem entendido e obter a adesão do conjunto dos enunciatários.

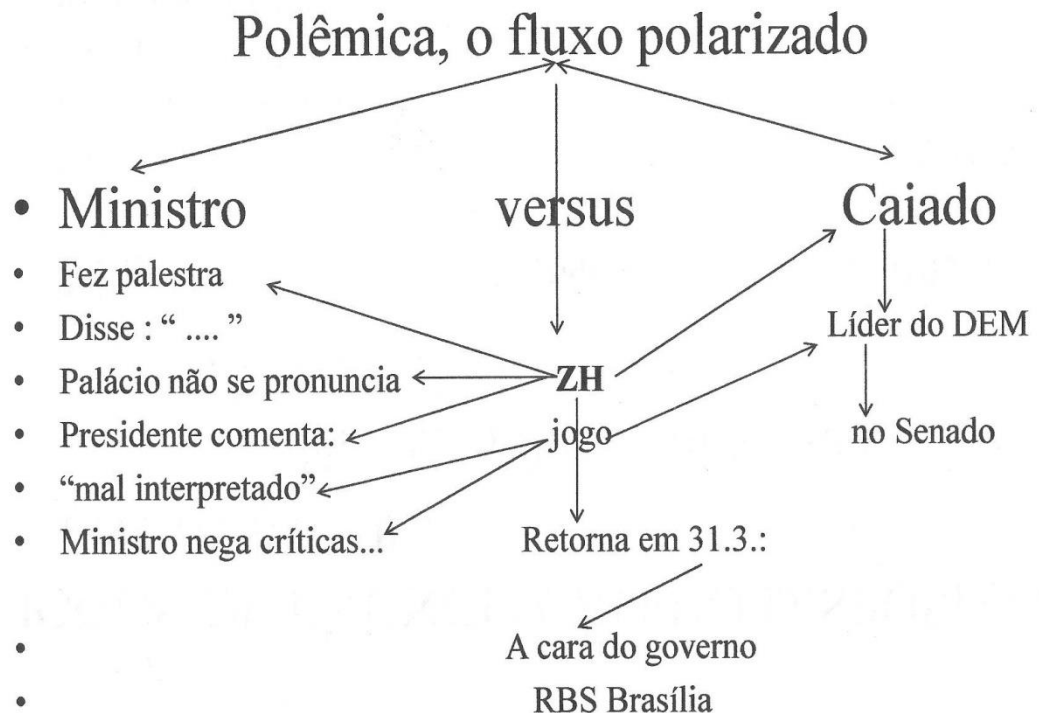
É aí, nos cuidados de enunciação, que o enunciador seleciona e organiza o percurso dos eventos e os investiga, escolhe os sujeitos a comporem sua fala e seus auxiliares técnicos de enunciação. Pelo que, os entrevistados citados, com suas falas, construindo seus textos ressoantes, são apostas estratégicas do fazer o discurso processar-se persuasivamente. Entretanto, essas vozes faladas são, por sua vez, vozes de uma dada cosmovisão (do poder administrativo do país: Ministro, Presidente; e dos opositores a ele). Os sujeitos falados também têm seus intuitos, fazem suas enunciações, que são assumidas como importantes pelo enunciador do dispositivo jornalístico.

O enunciador, ao construir a materialidade de sua fala, compõe um conjunto de elementos significantes, conformados com as regras do campo e dos intuitos de sucesso e devir do enunciador-mor e devir do jornalista. O enunciado nuclear, palestra aos ex-alunos da Universidade de Chicago, dia 23.03.2015, deriva, no espaço de uma semana, quatro diferentes leituras com as enunciações adequadas aos seus respectivos enraizamentos socioculturais e ideológicos.

É lançando mão desses posicionamentos, que o dispositivo jornalístico enunciador organiza o conjunto de planos temáticos de narrativa e, em decorrência, a produção de sentidos ideológicos, que devem constituir o sentido de polêmica. Reunindo diferentes vozes também produzidas na ordem ideológica de valores e

estabelecendo uma estratégia de A versus B, instala a disputa entre os sujeitos falados na forma de um jogo por uma ‘verdade’<sup>3</sup>. Eis o que se vê no corpus tomado:

## JOGO DE ENUNCIÇÃO DO DISPOSITIVO ENUNCIADOR:



O primeiro apoderamento da fala é o jornalístico (sincreticamente, ZH), procurando algo de impacto para os leitores. O dispositivo enunciator colhe, da esfera de circulação de eventos, a frase polêmica, dita em palestra, em São Paulo, dia 23.3., e faz dela uma notícia de sua edição de 30 de março, pág. 14, recolhendo algumas ressonâncias, com o enquadramento jornalístico de **“POLÍTICA/Frase polêmica”**.

<sup>3</sup> O ideológico, como nos alerta Verón, é uma dimensão de todo discurso, e não um tipo específico de discurso, pois, a categoria significante, na sua acepção simplificada, quer nomear a visão de mundo que cada agrupamento humano cria como posicionamento confrontativo (no sentido pleno desse termo) a outros agrupamentos, motivado principalmente por fatores econômicos e/ou de poder. Nesse sentido, a ideologia tem como posição natural relativizar as verdades (PERUZZOLO, 2010, p. 24; Nota 12) e influenciar, numa certa direção, as opiniões, os sentimentos e as atitudes de um dado público. Neste caso, toda prática discursiva tem seu grau ideológico.



As figuras para montar o jogo enunciativo, em vista da produção do efeito de sentido de polêmica, são selecionadas entre as disputas e relações políticas. De um lado, Joaquim Levy, Dilma, Ministro, Presidente, Fazenda, Assessorias, etc., como vozes da administração central; e Caiado, Líder, no Senado, do DEM (partido) como vozes da oposição, onde as personagens e as entidades funcionais são, no dizer de Barthes (1970, p. 56), um produto combinatório marcado pelo retorno estável de semas. De modo que já não são figuras, mas entidades qualificadas. Com estas, o enunciador joga com uma série de ideias-valores, no interior da notícia.

É  
 por isso  
 que as  
 entidades  
 pessoais  
 e  
 funcionais  
 são  
 sistematicamente  
 trazidas  
 para as  
 notícias.  
 Barthes  
 (1970, p.  
 13) diz  
 que “os  
 personagens  
 são  
 tipos de  
 discursos”



. O outro sempre é, para o homem, devido suas capacidades simbólicas, um valor de tensão com o qual pode ou deve aliar-se, ou do qual deve afastar-se ou, mesmo, fugir (PERUZZOLO, 2010, p. 105).

Cada sujeito falado, enquanto personagem de uma história, propõe um discurso. Enquanto entidades pessoais – Joaquim Levy, Dilma e Ronaldo Caiado – são personagens socioculturais com uma história, uma ideologia e uma opção política. Levy, por exemplo, é doutor em economia, formado nos EUA, professor, etc.; Caiado é Senador, líder de seu partido, político ativo, etc. Enquanto entidades funcionais – ministro, Fazenda, líder, do DEM, no Senado, assessorias, etc. – são qualificações dentro da organização social, que é o país. As entidades funcionais fazem entender os atos e o ambiente de vida que acolhem o mundo do agente. Ora, essa polifonia enunciativa dota a fala de dimensões maiores que a notícia, que seria o objetivo primeiro do jornalismo. Enriquece-a de opções socioculturais, de estilos e atributos pessoais, que fazem os modos de conduzir-se dos indivíduos e grupos na organização social. Como toda significação se liga eminentemente ao ser humano, a presença de personagens no texto jornalístico cria sempre tensões de ordem simbólica, onde o leitor

de certa forma se vê ou é provocado a ver-se.

Sujeito falado é aquela figura discursiva cuja ação coincide com o papel que representa: ministro, palestrante, assessoria, líder, presidente, etc. A representação é um recurso de afirmação e circulação de certos sentidos, tais como os de polifonia e de



ZERO HORA  
SEGUNDA-FEIRA,  
30 DE MARÇO DE 2015 **14**

mildade de reconhecer que nem todas as medidas tomadas têm a efetividade esperada”.

**PALÁCIO DO PLANALTO NÃO SE PRONUNCIOU**

A assessoria de comunicação ressaltou que a contestação não é uma nota oficial da Fazenda, mas uma manifestação pessoal de Levy, e destaca que o ministro fez a declaração em uma conversa informal, na qual procurava “transmitir os principais pontos do ajuste econômico em face da evolução da economia global e da exigência de crescimento do Brasil e a importância de executá-lo rapidamente”.

Dilma foi informada das declarações do ministro por volta das 18h de sábado, antes da divulgação da nota de Levy, mas o Palácio do Planalto não quis se pronunciar.

Acho que há um desejo genuíno da presidente de acertar as coisas, às vezes não da maneira mais fácil, mas, não da maneira mais efetiva, mas há um desejo genuíno.

**JOAQUIM LEVY**  
Ministro da Fazenda, em palestra na última terça-feira, conforme a Folha

Essa declaração demonstra que ninguém consegue conviver com a presidente. Isso mostra o quanto ela é centralizadora e que uma de suas características é não ouvir as pessoas.

**RONALDO CAIADO**  
Líder do DEM no Senado

realidade. No caso, ‘líder do DEM no Senado’ (o partido como extrema direita e seu maior representante, segundo a esquerda política). Os sujeitos falados, em síntese, são articuladores de subjetividades e sentidos.

A manchete do dia 30.3, declara: “*Ministro da Fazenda nega que tenha feito críticas a Dilma*”. O título já contém o apelo a vozes dissonantes de quem diz que disse algo, com o intuito de consagrar a página da polêmica instalada na política. O enunciado feito na forma jornalística da objetividade (verbo na terceira pessoa e citando personalidades e funções) busca sugerir a existência de fatos ocorridos. Em palestra feita em São Paulo<sup>4</sup> aos ex-alunos da Universidade de Chicago, dia 23.03.2015, o Ministro da fazenda, falando sobre a Presidente dizia que ela estava bem-intencionada, mas nem sempre agia de forma efetiva. Palavras textuais: “*Acho que há um desejo genuíno da Presidente de acertar as coisas, às vezes não da maneira mais fácil, não da maneira mais efetiva, mas há um desejo genuíno*”<sup>5</sup>.

Os textos jornalísticos, notícia em 30 de março e retorno em 31.03.2015, p. 14; Assessoria de Comunicação da Fazenda, re-arrumando o dizer do Ministro, com novo enunciado (31 de março, p. 16); Assessoria do Palácio do Planalto, posicionando o contexto da fala; Caiado, alocando conclusões de ordem política; e, por fim, a Presidente, alocando-se no desfecho da notícia - não são meros pronunciamentos nem meras divergências. São, sobretudo, objetos socioculturais da vida social e política do país. É por isso que Bakhtin (1981, p. 66) diz que os discursos são atravessados pelos embates subjetivos e sociais. Assim, como um leitor analista, não se procura ver a presença física de sujeitos – Dilma, Ministro, Caiado, (jornalista) Zero Hora e outros – mas a representação de lugares ocupados na estrutura das formações sociais de organização de um povo ou, mesmo, grupo social (ideologia, valores de vida, busca de informação, controle de dados...).

‘*Política/Frase polêmica*’ é o enquadramento dos campos que vão acolher o construto jornalístico. Assim, a heterogeneidade constitutiva da notícia começa a aparecer como estratégia enunciativa. A sequência manuseia entidades narrativas – Ministro, fazenda, assessoria, Presidente, Senado, DEM, Caiado, Levy, Dilma – e

---

<sup>4</sup> Faço apenas uma breve síntese, porque não interessa, na presente análise, a discussão do fato político-econômico e, sim, a reflexão sobre a proliferação dos sentidos em notícias.

<sup>5</sup> Zero Hora. Notícias. Política/Frase polêmica. 30. 03. 2015. p. 14.



categorias conceptuais – nega, crítica, foi mal entendido... - e as constituindo como objetos semióticos, que regem a tessitura dos valores referenciando-as às diferentes cosmovisões em debate (para construir o intento do enunciador enquanto temática: Polêmica)<sup>6</sup>. De modo que o enunciado jornalístico não pode ser reportado a UM sujeito e, sim, a uma heterogeneidade enunciativa, cujo efeito é o coro das vozes socioculturais..

As assessorias da Fazenda e da Presidente não são salas com telefones, mesas e micros. São pessoas, que funcionam (funcionários), que tem aspirações, desejos, incumbências, posicionamentos, valores de ordem política, administrativa, econômica, individual e social. Estão, portanto, engajadas em sistemas ideológicos. Assim que,

as formas buscadas pelo dispositivo enunciator jornalístico não são a expressão do conteúdo significativo; são seus estimulantes em vista de intuítos de persuasão.

As falas da Presidente são inseridas na forma de estratégias discursivas no enunciado jornalístico sob a condição funcional fundamentalmente política. É, então, uma fala dirigida a um enunciatário complexo de três ordens: os correligionários, os

<sup>6</sup> A tentativa de construção de uma polêmica sobreviveu dois dias . 30 e 31 de março.

PLANALTO | FRASE POLÊMICA

## Para Dilma, Levy foi “mal interpretado”

**A** presidente Dilma Rousseff comentou ontem as declarações do ministro da Fazenda, Joaquim Levy, sobre sua gestão e disse que o ministro foi “mal interpretado”.

Em evento fechado, durante palestra em inglês, na terça-feira passada, Levy disse que Dilma tem “um desejo genuíno de acertar as coisas, não da maneira mais efetiva, mas há um desejo genuíno”.

– Não tem porque criar maiores complicações por isso. Ele (Levy) já explicou isso exaustivamente. Ele ficou bastante triste com isso. Tenho clareza de que foi mal interpretado – disse a presidente em entrevista após cerimônia em Capanema (PA).

Ontem, o ministro estava em São Paulo, onde participou de evento com empresários, e criticou o tratamento dado pela mídia à frase dele. Para Levy,

foi armado “um banzé em cima do truismo (*obviedade*) de que, numa empresa, muitas vezes se trabalha sob pressões e nem tudo acontece de forma ideal”.

Durante o evento do Lide – Grupo de Líderes Empresariais, o ministro afirmou que a meta do governo é trazer os gastos para o mesmo patamar de 2013, o que representaria redução de 30%.

– Vai incomodar muita gente, mas o governo está fazendo isso, e a presidente bancou isso. Será um esforço de todos – acrescentou o ministro.

Houve um pouco de mal-entendido, mas a confiança mútua (*com a presidente*) é muito sólida.

**JOAQUIM LEVY**  
Ministro da Fazenda

indiferentes e os opositores. Tal é também a fala contraproposta do locutor figurado como Caiado, fazendo sua proposição à fala do ministro.

Cada um dos falantes procura cativar a adesão ao seu dizer, propondo-se como um coenunciador, realizando seu dever. Às vezes, como acontece nas falas tematizadas nessa notícia, os sujeitos falados são um conglomerado representativo, não um sujeito que investe seus recados insinuantes, recriminando os contrários: As declarações - “ninguém consegue conviver com a presidente...” (Caiado (ZH, 30.03.2015, p.16); O ministro foi “mal interpretado”, quer dizer, houve aproveitamentos e ilações, que ele não intencionava (Dilma, ZH, 31.03.2015, p. 16). Entretanto, o que houve foram falas do ministro E<sup>7</sup> de Caiado e da Dilma, usando elementos de estratégias discursivas que propusessem seus intuitos e que no final de três dias, permitiram distensões de sentidos segundo os encontros comunicativos propostos nas diferentes leituras. Acontece que, sob cada palavra, principalmente hoje com as mídias sociais, cada um põe o que lhe convém segundo seus mapas valorativos socioculturais.

O jornalista, ao dar voz a enunciativos e locutores na notícia, com o intuito de produzir ‘verdades’, das quais quer persuadir leitores, gera um domínio especial de afirmações e circulação de valores, que se orientam diretamente às condutas, ao querer e aos desejos dos enunciatários. Isso faz dele um articulador de valores, que consagram muitos dos momentos do viver humano numa sociedade. Os personagens são recursos de tematização, que operam a relação do enunciativo com o enunciatário pelas linhas de identidade e de projeção<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> O destaque dessa conjunção ‘E’ é para acentuar que entre os fatos não há relação de causalidade na produção dos devires de cada um..

<sup>8</sup> Para mim, como usado neste texto, ‘identificar-se’ é reconhecer, no discurso, os valores que são os próprios, aqueles aos adere e defende, enquanto ‘projetar-se’ na fala é ver nela os valores que não são aqueles assume, que lhe são contrários (PERUZZOLO, 2010, p. 108).

Sabe-se que titular um dizer é enquadrá-lo num sistema de referências socioculturais, que têm seus valores de vida preferenciais. Essas vozes veladas, no caput e no interior do texto, são também a opção tematizante do enunciador jornalístico. Essa heterogeneidade se manifesta por implicação do outro no dizer, por insinuação ou por pressuposição. Nesses casos, fala-se de encenação de enunciadores reais ou virtuais. Fundamentalmente, significa inscrever o ‘outro’ – o ‘tu’ humano – no discurso, o que, de outro modo, significa afirmar a natureza social dos significados e dos sentidos, que se formam e organizam sempre em relações sociais.

O locutor se apresenta como simples ‘porta-voz’, parecendo dar lugar explicitamente ao discurso do outro, quando em verdade faz o discurso que o dispositivo enunciador acolhe. Bakhtin (1990) se refere a essas declarações, dizendo que elas são “*o discurso no discurso, enunciação na enunciação, mas, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação*”, quer dizer, é um discurso dentro de outro, uma afirmação de sentidos sobre esse discurso. É o que ocorre com os estratégicos destaques feitos no *fragmento à direita*, que põe lado a lado as versões enunciativas Levy versus Caiado.

O modo de tematização talvez seja a mais poderosa estratégia discursiva para os intuitos básicos de persuasão. As formas de proposição e abordagem temática dos valores desejados são também as formas pela quais os enunciadores criam a cadeia de significações. Então, temos uma pluralidade de enunciadores e coenunciadores: as falas de ZH, enquanto enunciador nuclear; as falas da Presidente e sua assessoria; as falas de interessados políticos (oposição e base aliada e ressonâncias); e as falas explicativas de ministro Levy. As falas da imprensa são falas de muitos interessados... “*Nas novas mídias eletrônicas não há mais um poder sozinho, um poder centralizado, uma destinação ideológica da mensagem*” (MARCONDES FILHO, 1993).

Retomando a concepção bakhtiniana de “enunciação sobre a enunciação”, veja-se que a busca enunciativa por ajustar pronunciamentos – da Presidente, da Assessoria

Acho que há um desejo genuíno da presidente de acertar as coisas, às vezes não da maneira mais fácil, mas, não da maneira mais efetiva, mas há um desejo genuíno.

**JOAQUIM LEVY**

Ministro da Fazenda, em palestra na última terça-feira, conforme a Folha

Essa declaração demonstra que ninguém consegue conviver com a presidente. Isso mostra o quanto ela é centralizadora e que uma de suas características é não ouvir as pessoas.

**RONALDO CAIADO**

Líder do DEM no Senado

de comunicação, de opositores, explicações do próprio ministro – institui uma rede de valores referenciais como construção de um fato polêmico. Os mapeamentos discursivos não tiveram sequência e a polêmica se esvaiu nesses três dias, mas a tentativa de construir um espaço jornalístico polêmico exhibe a questão fundamental da realidade, que cada grupo sociocultural, feita de sujeitos solidários e individuais, erige para si.

O uso de implícitos, de modo geral, é um procedimento que busca deixar velada a ideia ou o evento. São, o mais das vezes, formas sugeridas, insinuadas, não visíveis na superfície do texto, mas que, entretanto, ajudam a compreender muitos lances de estratégia enunciativa de pressupor conceitos, valores e ações. Aos implícitos, Ducrot (1977, p. 16) denomina, “*subtendidos do discurso*”. No texto jornalístico tomado, o enunciador opera o artifício de tecer uma coluna com os dois enunciados básicos, contendo as insinuações, que fazem ou pretendem fazer a polêmica.

Na minha leitura, é o enunciador que busca fazer a polêmica, de modo que esta está mais presente em ZH em relação às falas do Ministro que entre governantes e oposição. Está claro que esta análise se fixa na construção de um evento pelos recursos aos efeitos de tematização, seguindo singularmente o jogo de sujeitos falados como vozes que fazem ressoar campos de valores socioculturais diferentes. É, portanto, sobre os textos socioculturais que se desdobra o embate enunciativo – nomeado ‘polêmico’ por ZH – dos sentidos de vida e de organização social, em três de suas matérias sobre política nos dias 30 e 31 de março de 2015.

## **2. Práticas sociais e Sentidos**

As práticas sociais são práticas de sentidos, pois, o elã vital de cada um impulsiona o ser de cada indivíduo à busca da relação com o outro semelhante a si para o pleno desenvolvimento e realização de si. De modo que são significativas as relações que levam o ser ao crescimento, ao seu desenvolvimento. Ter sentido ou fazer sentido é vivenciar a relação com alguma coisa no modo do exercício e fruição do mundo. Assim que afirma Greimas (1989, p. 192) que “o que é essencial para o homem é a busca e manipulação de valores (...). Os objetos o interessam somente na medida em que constituem lugares de investimento de valores”.

A questão dos valores no exercício da existência encontra seu fundamento no significado das práticas vitais, que um organismo precisa estabelecer com os demais para construir seu viver. São, portanto, tais valores básicos que conduzem a construção das vivências, deixando-as dependuradas em orientações vitais, isto é, em sentidos (PERUZZOLO, 2010, p. 117).

Em termos da teoria da relação social, a comunicação não é uma contingência, é, sim, a impulsão do homem, que se exprime na busca do encontro com o outro, pelo qual se torna sujeito social; fato que lhe dá lugar entre os demais seres humanos para poder constituir seu próprio mundo com outros iguais (MORIN, 2006, 66). É nesse sentido que, como dizem Maturana & Varela (1995), “*nosso mundo é sempre o mundo que construímos com os outros*”. De tal modo que viver na tensão com os demais é uma relação essencial, que sustenta o desenvolvimento pessoal, seja por agregação, partilha, convivência seja por fuga, afastamento, conflitos e lutas. As lealdades e animosidades circulam enroladas nas modalidades de dizer dos interlocutores.

Denominamos, pois, ‘efeitos de sentido’ ao conjunto de investimentos de valores que recobrem um discurso, sendo que as representações mentais e gráficas que as pessoas utilizam para organizar e compor a sua experimentação de existência, não são ‘o’ mundo e sim, ‘seu’ mundo; o que faz de cada um uma singularidade. Vozes diferentes, estabelecidas pela estratégia de um enunciador jornalístico, são proposições de valores e caminhos de vida diferentes.

Entretanto, a complexidade das relações socioculturais produzidas na conexão com os dispositivos jornalísticos impressos é dada pela natureza do vir-a-ser humano, onde o indivíduo se aninha e desenvolve e pode reagir segundo sua própria determinação estrutural biossociocultural. Por isso, para um observador, sempre há possíveis ambiguidades numa interação (MATURANA & VARELA, 1995, p.207). Entretanto, humanos têm vontades (certas ou erradas, dentro do grupo de inserção cultural), têm escolhas eficientes e danosas, alianças, contratos e responsabilidades.

Os sentidos são produzidos não por quem fala nem por quem lê. Não são fenômenos de imitação nem de assimilação. Não está nem em UM nem em Outro. Fazem-se na dupla captura que não é comum aos dois, mas que está entre os dois, que tem a direção própria de cada comunicante. Um devir que não é qualquer coisa de mútuo, mas uma relação assimétrica, pessoal e singular. Este é o espaço dos sentidos no



tornar-se de cada comunicante no processo de comunicação. Assim que os sentidos não estão no enunciado, mas afloram nas relações entre os sujeitos e nas condições de seu fazer em razão do vir-a-ser de cada um deles. Eles aparecem e operam nos desejos de ser do ser humano.

O espaço social onde se move a comunicação noticiosa jornalística é o dos sentidos, feitos dos sentimentos, afetos, paixões, convivências, alianças, relações, modos de viver, querer, fazer, pensar, etc. Por isso, proceder à análise dos efeitos de sentido de uma notícia é procurar ler os valores de orientação existencial distribuídos nas modalidades de dizer. Enquanto polêmica, este texto noticioso propõe confrontos; enquanto política, propõe a não possibilidade do diálogo e de acertos, para sair da crise; enquanto oposição referencia papéis antagônicos.

Os enunciatários ajustam, questionam, enxugam, cortam, crescem, identificam e projetam práticas e valorizações pessoais - e alheios - no enunciado proposto, de modo a construir a sua notícia com características de seu mundo sociocultural. O texto circulante entre enunciadores e enunciatários, recebendo ajustamentos e representações, institui-se em obra cultural. Assim, passa a circular nos grupos sociais com os diferentes traços de adequações e valores representativos, ajustados segundo as formações discursivas de cada grupo social<sup>9</sup>.

### **3. Vigiar os Sentidos**

Vigiar os sentidos é uma questão de devir. A natureza da comunicação mostra o quanto os indivíduos são interdependentes uns dos outros, pela própria razão de que são subjetivamente interconstituintes. “*O ponto é que, diz Maturana (2002, p. 43), se é indivíduo na medida em que se é social, e o social surge na medida em que seus componentes são indivíduos*”. Isso não isenta a possibilidade de que subgrupos humanos desenvolvam uma cultura, que induza a opções de ações contrárias à sobrevivência e convivência coletiva e solidária.

São os indivíduos em suas interações, que constituem o social e o social é a circunstância necessária para que o indivíduo se socialize. De modo que esse agenciamento ser-indivíduo e ser-social, é onde se localiza a ação de fazer-se, o que

---

<sup>9</sup> Nesta análise, este aspecto essencial está apenas afirmado, não analisado.

funda o sentido do próprio existir humano, pois a pulsão do fazer-se humano de cada um dos comunicantes se reflete no seu dizer, no modo de fazer, de pensar encontros intersubjetivos nos quais projetam seus devires, de acordo com desafios e ações que contemplem os melhores benefícios para os indivíduos e seus grupos de convivência.

O conceito de sentido é indefinível, mas podemos tentar descrever e explicar os fenômenos que compõem a impulsão para fazer-se e realizar-se do ser humano. Em princípio, o sentido refere-se ao elã de realização do ser humano. Refere-se aos valores vitais que regem os artifícios de ser, pois, o viver humano ocupa-se em estar a ser. Sendo que o homem se vê em cada relação que empreende, tudo o que sente, pensa, crê, deseja e faz, tem a intencionalidade de preservar e empreender o seu vir-a-ser.

A comunicação precisa do sentido para constituir-se, para fazer-se relação e desenvolver-se. A intencionalidade, que acompanha o ser nas suas relações com o outro e o meio ambiente, tem um caráter avaliativo pelo qual institui os valores das relações que o ser empreende. É por isso que os sentidos estão na relação, que o ser busca estabelecer no afã da construção de suas experiências. De modo que o viver humano é governado pelos sentidos que se encontram alocados nas ações de experimentação e vivência do mundo.

A notícia, dissemos atrás, é um texto sociocultural. A notícia é um discurso social porque a versão (leitura) do acontecido tem sempre o viés da forma sociocultural do viver que um grupo ou grupos sociais adotam. Isso significa dizer que as notícias manejam representações do que é ser homem ou mulher, criança, adulto, idoso, ético ou indecente, político, economista, direita social, esquerda, educado, deseducado; das relações que se admitem ou provêm entre eles, etc. Portanto, a notícia é um discurso social como tantos outros que buscam definir as representações que estipulam os valores de conduto e modos de ser no mundo sociocultural em que convivem.

Falar de natureza recíproca da comunicação significa afirmar que o mundo, que cada indivíduo vive, tem a ver, singularmente, com cada um, com o seu ser-si-mesmo. Quando os comunicantes entram em atividade de pensamento e ação, estas atividades vêm acompanhadas de fluidos de humores emanadas pela situação emocional em que se encontram os organismos. De modo que os enunciados organizados e decodificados/interpretados são envoltos em emoções que qualificam as mensagens com valores de exercícios vitais. Os sujeitos sociais normalmente persuadem-se a realizar

certas ações pela adesão pessoal a valores que valem segundo seus critérios. Assim que o que interessa a um indivíduo ou, mesmo, a um grupo, é o que está relacionado a seus valores e a a seu sistema de referências.

Aceitar ou não aceitar o que alguém diz, é uma coisa; aceitar ou não aceitar aquele que diz alguma coisa é um posicionamento contrário ao vir-a-ser humanizado dos mesmos. Não aceitar o que alguém diz, acontece na dependência da presença, no enunciado, de marcas ou propriedades que, por si sós, tenham a força de produzir o efeito de fazer o dito parecer verdadeiro.

No segundo caso – aceitar aquele que diz algo – é já uma questão de estatuto daquele que se exprime (Ministro, parceiro, colega, o desconhecido, o adversário, o opositor...). As ilações, leituras e interpretações pertencem aos que querem tirar proveito do dito ou, mais precisamente, fazer migrar os sentidos do texto que leem para o texto que se vivem.

Os efeitos de sentido não apenas se sujeitam à diversidade das culturas, mas também às opções valorativas profissionais e ideológicas dos sujeitos que fazem a enunciação de um discurso.

## **Conclusão**

Para meu gosto pessoal, olhar a forma temática utilizada pelo discurso numa notícia, considerar a heterogeneidade compositiva dos enunciadores, é procurar o modo como o enunciador enfatiza os valores que fazem a sua inserção sociocultural e o modo segundo os enunciatários se posicionam frente às propostas enuncivas e fazem o seu devir num jogo de adequação de valores. Na origem dos sentidos da vida de cada um, não importa que goste ou não goste do que lê; também não significa que deva concordar. O que precisa haver, para a necessária convivência dos indivíduos, grupos e organizações socioculturais, é o respeito às opções pelas formas de vida (exclui a opção da eliminação, ou subjugação da vida do outro).

Embora o viver comunicativamente seja um sentido essencial do vir-a-ser humano, nem todos têm o diálogo, a conversa, o respeito pela alteridade, a convivência como valor de vida pessoal. Uma sociedade solidária ou, mais elementarmente, uma sociedade de convivência, se constrói com a elaboração mental e sociocultural de reconhecimento e aceitação do outro nas relações de vida. A circulação dos sentidos

numa sociedade tem a função de dar segurança e contribuir para que os indivíduos desenvolvam seu realizar-se no interior do universo social. Não há sociedade sem reconhecimento e respeito ao seu modo de ser outro, pois, a sociedade se faz organização social na convivência com o outro igual.

Vigiar a vigilância não é necessariamente fiscalizar (que é o que muitos pensam), e sim estar preparado e atento às oportunidades do próprio devir no eio da organização social. Não é necessariamente contrapor-se, desdizer ou retornar com algo ofensivo. É; sim, buscar no dito o arrimo, a conduta adequada às próprias forças discursivas. É estar pronto para fazer coincidir o próprio preparo com as circunstâncias, que se apresentam. A proposta de Maturana (2002, p. 208) soa muito consistente: *“Os problemas sociais são sempre problemas culturais, porque têm a ver com os mundos que construímos na convivência”*. No entanto, precisamos considerar que *“as percepções dos seres humanos não são objetivas, porém gradualmente influenciadas e moldadas pela subjetividade dos observadores, por sua base teórica, seu histórico cultural e suas expectativas e seus pontos de vista”* (CHALMERS, 1990, p. 63).

No vigiar a vigilância, temos os que estão de olho – ‘estamos de olho’ é o lema de um programa jornalístico de Tv – e temos os que estão de olho nos que estão de olho. Há, por outro lado, os que estão pouco interessados no fato de que o ambiente social comum propício seja o que possibilita as melhores condições de devir ao maior número de pessoas; há os que se armam de comportamento hostil e raivoso, contra toda opção por valores que não os seus.

Por vezes, tem-se a impressão que nossas concepções de valores culturais, religiosos, econômicos, políticos e administrativos parecem erodir a vida social e individual dos cidadãos. No meu modo de pensar, nossos valores socioculturais estão demasiadamente centrados nas condutas individuais e pouco orientados à solidariedade, respeito e convivência.

Sei que é utópico propor que todos sejam respeitosos e que construamos uma sociedade na convivência. Entretanto, o caminho das palavras, dos encontros, das conversações, do respeito e do diálogo, mesmo sendo mais oneroso, longo e difícil que o das acusações, insinuações, mentiras, confrontos e violências, é, a meu ver, o único humano e socialmente correto, porque é produto cooperativo de sentidos. Penso também que certos indivíduos escolhem e aceitam realizar projetos de destruição do outro. Além

disso, sente-se, hoje, que a confiança e a solidariedade cedem lugar ao controle e à rudeza nas relações pessoais. Uma sociedade humana de igualdade, fraternidade e liberdade, somente pode fundamentar-se na convivência de cooperação, e não no impedimento de outros tentarem viver e realizar-se.

Como fundamento do fazer, o valor aparece manifesto em toda a ação cultural, porque todo ato social é inspirado por um sentido. É assim que os indivíduos existem imersos nas redes de interações que constituem os fenômenos sociais, numa relação de influências recíprocas. De modo que a compreensão da vida das pessoas, dos grupos sociais e das sociedades implica no entendimento dos valores e das estratégias que regem seus encontros comunicacionais.

Como acaba de escrever Roberto Romano<sup>10</sup>: *“Boas maneiras não significam medo do adversário, mas controle da língua, honesto convívio civil. É de algo assim que sentimos falta em nossa pátria comum. Sem ela seguimos para a barbárie na qual os golpes são possíveis e quando o homem é plenamente lobo do homem”*.

---

<sup>10</sup> ROMANO, Roberto. Apaideusia e apedeutas. Zero Hora/PROA, 15 de novembro de 2015. p. 10.



## **Bibliografia citada**

- BAKHTIN, Mikail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1981.
- BARTHES, Roland. S/Z. Lisboa: Edições 70, 1970.
- CHALMERS, Alan. *A Fabricação da Ciência*. São Paulo: UNESP, 1990.
- DELEUZE, Giles & PARNET, Claire. *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1977.
- \_\_\_\_\_ e GUATTARI, Félix. *Kafka. Por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1977.
- MARCONDES FILHO, Ciro. Por uma nova teoria da comunicação. In: PEREIRA, Carlos A. M. e FAUSTO NETO, A. *Comunicação e Cultura Contemporâneas*. Rio de Janeiro: Notrya/COMPÓS, 1993.
- MATURANA, Umberto. *A Antologia da Realidade*. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2002.
- \_\_\_\_\_ & VARELA, Francisco G. *A Árvore do Conhecimento*. Campinas, SP: Psy II, 1995.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Porto Alegre, RS: Sulina, 2006.
- PERUZZOLO, Adair C. *Elementos de Semiótica da Comunicação*. 3ª. Ed. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Entender Persuasão*. Curitiba, PR: Honoris Causa, 2010.
- VERÓN, Eliseo. *Construir l'Événement*. Paris: Minuit, 1979.